

António Firmino da Costa¹

Será a sociologia profissionalizável?

Uma sociologia da sociologia em três componentes

Quando falamos em *sociologia*, num contexto de reflexão sobre as suas condições e modalidades actuais de exercício e desenvolvimento, ela surge-nos necessariamente desdobrada em três componentes: a sociologia como *ciência*, a sociologia como *formação* e a sociologia como *profissão*. A primeira, a sociologia como ciência, diz respeito, fundamentalmente, a um conjunto específico de critérios e instrumentos cognitivos, conhecimentos acumulados e práticas de investigação. Núcleo constitutivo da sociologia, confere-lhe configuração própria enquanto uma das áreas consolidadas do saber contemporâneo, sendo ainda a base principal a partir da qual se desenvolvem as outras duas componentes. A segunda, a sociologia como formação, incide em primeiro plano sobre o sistema de ensino, sobre os cursos, graus e diplomas, e, de um modo mais geral, sobre os processos de aprendizagem da sociologia. A terceira, a sociologia como profissão, reporta-se à diversidade de papéis e práticas profissionais em sociologia, assim como aos parâmetros e processos de constituição dos sociólogos como grupo profissional, incluindo aspectos relativos às suas modalidades de cultura profissional e às suas formas de associação/organização colectiva.

Cada uma destas três vertentes da sociologia - ciência, forma-

¹ Departamento de Sociologia e CIES, ISCTE – antonio.costa@iscte.pt

ção, profissão - polariza aspectos distintos, constituindo, em si mesma, objecto de análise susceptível de inúmeros aprofundamentos. Mas, ao mesmo tempo, dificilmente se pode analisá-las com completa pertinência e actualidade se não se levar em conta que, hoje em dia, essas vertentes se interligam fortemente entre si (Figura 1). Não no sentido retórico banalizado de que "tudo se relaciona com tudo", mas de uma maneira concreta, multifacetada, cada vez mais acentuada e importante.

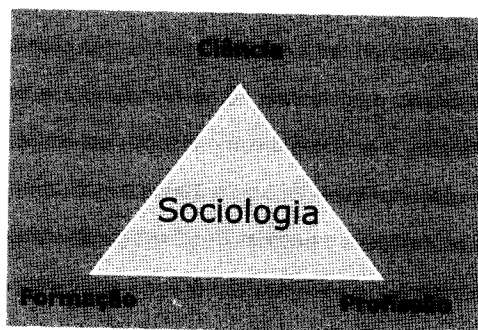


Figura 1

Sociologia: ciência, formação, profissão

Este entrelaçamento crescente tem, aliás, repercussões, mais directas ou mais indirectas, tanto na reelaboração de quadros teóricos e métodos de análise como no recentramento e focagem de objectos de estudo e domínios de acção profissional, tanto nas tendências de mudança dos sistemas e processos de ensino/aprendizagem da sociologia como nas que se verificam ao nível da profissionalização e do emprego, das

áreas e contextos de actividade profissional dos sociólogos, das culturas profissionais e da deontologia, ou, ainda, da organização colectiva do grupo profissional.

Se, à partida, a sociologia como ciência esgotava praticamente tudo o que de relevante acontecia na área, mais tarde a investigação científica e o ensino universitário em sociologia passaram a estabelecer laços decisivos entre si, tanto em termos cognitivos como institucionais. Actualmente, com a formação de milhares de licenciados e a respectiva inserção na esfera profissional, por um lado, e com as expectativas e pedidos sociais entretanto desenvolvidos relativamente aos contributos potenciais da sociologia nos planos científico, formativo e profissional, por outro, a articulação tornou-se irreversivelmente tripla. O processo não ocorreu ao mesmo tempo em todos os países; em Portugal, por razões conhecidas, foi particularmente tardio; mas, de um modo geral, observou esta mesma sequência².

O mais importante é que, hoje, na sociologia, estas três componentes não existem umas sem as outras. As dinâmicas, presentes e futuras, de cada uma delas, e da sociologia no seu conjunto, dependem cada vez mais da respectiva articulação.

Sociologia e sociedade

Na terceira componente referida, a da sociologia como profissão, a questão das relações dos sociólogos com a sociedade ganha uma configuração específica e uma acuidade muito particular, qualquer que seja o nível considerado: a) o dos papéis/práticas profissionais de cada sociólogo

² António Firmino da Costa - Cultura profissional dos sociólogos. In AAVV, orgs. - *A sociologia e a sociedade portuguesa na viragem do século*. Vol. I. Lisboa: APS e Editorial Fragmentos, 1990 [1988]. p. 25-40; Odile Piriou - *La sociologie des sociologues. Formation, identité, profession*. Fontenay-aux-Roses: ENS Éditions, 1999.

go; e b) o do grupo/organização profissional do conjunto dos sociólogos.

A questão reporta-se, de maneira muito concreta, às relações dos sociólogos com entidades empregadoras, contratadoras ou financiadoras, com as organizações em que trabalham, com grupos e meios sociais objecto de estudo científico e acção profissional dos sociólogos, com profissionais de outras especialidades, com os meios de comunicação social e outras instâncias de formação da opinião pública e, mais em abstracto, com a sociedade em geral. E aplica-se a todos os sociólogos, quer sejam profissionais do ensino superior e da investigação científica, trabalhando em universidades e centros de investigação, quer desempenhem outros papéis profissionais, noutras organizações.

Decorre, aliás, em grande medida, dessas relações profissionais da sociologia com a sociedade, que, a uma *dimensão cognitiva* da sociologia, se venha adicionar uma *dimensão deontológica*, também presente, como é óbvio, nas outras duas componentes, mas assumindo uma relevância muito especial na componente profissão³.

Delas decorre também, por um lado, boa parte da pertinência em se proceder a uma análise propriamente sociológica da sociologia como profissão, e, por outro lado, a importância de, em qualquer análise sociológica da sociologia contemporânea, tomar suficientemente em conta a componente profissional. As relações da sociologia com a sociedade actual envolvem, de maneira incontornável, a componente profissional, embora esta não esgote, como é evidente, todos os aspectos relevantes dessas relações.

Dos estereótipos à análise sociológica

³ António Firmino da Costa - Cultura profissional dos sociólogos; António Firmino da Costa - Prática sociológica e deontologia profissional dos sociólogos. In AAVV, orgs. - *Estruturas sociais e desenvolvimento*. Vol. II. Lisboa: APS e Editorial Fragmentos, 1993. p. 785-792; Associação Portuguesa de Sociologia - *Código Deontológico*, 1992.

Seria irónico que os sociólogos se preocupassem sempre, quase que se poderia dizer obsessivamente, em ir mais longe do que os meros registos de senso comum, na procura de compreensão e explicação de todos os aspectos da vida social, excepto, afinal, quanto ao seu próprio campo de actividade e ao seu próprio grupo profissional.

E, com efeito, existe já, entre nós, um bom conjunto de contributos para uma análise sociológica do campo científico-profissional da sociologia e do grupo científico-profissional dos sociólogos, produzidos, em grande parte, no contexto de actividades ligadas à Associação Portuguesa de Sociologia (congressos, encontros, publicações). Permita-se-me referir, também, uma vasta série de pequenas monografias realizadas, ao longo dos últimos anos, pelos alunos da disciplina de "Práticas profissionais em sociologia" que tenho tido a oportunidade de coordenar no ISCTE.

Ao mesmo tempo, porém, é relativamente comum que sociólogos e estudantes de sociologia se revelem não menos atreitos do que quaisquer outros actores sociais a partilhar estereótipos pouco sustentados em informação empírica e analiticamente pouco reflexivos sobre o que se passa no seu próprio domínio de actividade. Noutros países a situação é variável, mas, nalguns, não é muito diferente da nossa, a despeito de trabalhos importantes realizados a este respeito, como, por exemplo: Sainsaulieu e outros⁴; Legrand e outros⁵; Piriou⁶; Lahire e outros⁷.

Mais concretamente, entre sociólogos e estudantes de sociologia, não são raros os que se mostram vulneráveis a confundirem a expressão de desejos ou angústias pessoais, ou de preconceitos e imaginá-

⁴ Renaud Sainsaulieu [et al.], orgs. - *L'exercice professionnel de la sociologie*. Paris: CNRS-IRESO, 1987.

⁵ Monique Legrand; Jean-François Guillaume; Didier Vrancken, orgs. - *La sociologie et ses métiers*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1995.

⁶ Odile Piriou - *La sociologie des sociologues. Formation, identité, profession*.

⁷ Bernard Lahire, dir. - *À quoi sert la sociologie?* Paris: Éditions La Découverte, 2002.

rios colectivos, que sempre haverá entre os protagonistas de qualquer campo ou situação, com os resultados cognitivos da realização cuidadosa de caracterizações e análises teoricamente esclarecidas e empiricamente sustentadas.

Compete a estas análises, é certo, tomar em conta as opiniões e sentimentos dos actores sociais envolvidos, como parte relevante que são da informação observacional a recolher e interpretar. Mas não se podem tratar esses elementos de matéria-prima informativa - opiniões, sentimentos, declarações dos actores sociais deste campo - como se eles fossem já, em si mesmos, análises sociológicas sobre o tema em questão.

Estas últimas precisam, como nos recomenda o saber acumulado em sociologia, de complementar aquele tipo de matéria-prima observacional, de carácter subjectivo e discursivo, com informação empírica de outros tipos: distribuições estatísticas, observação de práticas e situações, informação documental, elementos de contextualização e comparação, etc. Mais ainda, precisam de mobilizar teorias e conceitos apropriados, susceptíveis de, em articulação com a informação empírica e com um cuidadoso controle metodológico de todo o processo analítico, conduzir à produção de enunciados cognitivos que, dotados do maior grau de objectividade possível, constituam avanços de conhecimento efectivos sobre este campo social (da sociologia, com as três componentes referidas), tanto no plano da caracterização das situações que de facto aí se verificam, como no plano da análise interpretativa e explicativa do que nele se passa.

Uma interrogação estratégica

Quando se analisam estes assuntos, podem seguir-se, pelo menos, duas abordagens distintas: a) uma que privilegia aspectos de conjuntura e de contexto; b) outra que incide preferencialmente sobre aspectos relativos à constituição específica do campo científico-profissional em causa. Entre sociólogos, não é necessário acrescentar que estes dois planos não são mutuamente exclusivos; pelo contrário, interrelacionam-se e complementam-se entre si.

A situação actual da sociologia no país é susceptível, pois, de ser abordada a partir de um ponto de vista, sobretudo, contextual e conjuntural. Podem incluir-se aqui tópicos de âmbito mais circunscrito, como as reestruturações do ensino da sociologia que estão a ser postas em prática em algumas instituições universitárias. Por exemplo, no caso que conheço melhor, o do ISCTE, procura-se fazê-lo através de uma articulação mais integradora e sistemática dos três graus de formação em sociologia (licenciatura, mestrado, doutoramento); da inclusão nas licenciaturas (em Sociologia e em Sociologia e Planeamento), a par de uma sólida formação teórica, metodológica e temática na disciplina, de uma fileira de “laboratórios de sociologia”, do primeiro ao último ano, voltados para o desenvolvimento prático de competências sociológicas; ou, ainda, de uma complementaridade mais nítida entre um eixo “horizontal” de mestrados temáticos, partindo da sociologia mas com carácter interdisciplinar e aplicado (em áreas como comunicação e cultura, administração e políticas públicas, trabalho e organizações, cidades, território e desenvolvimento, política, família, educação), e um eixo “vertical” de aprofundamento disciplinar da sociologia, a nível de mestrado e doutoramento.

Do mesmo modo, é possível incluir nestas abordagens, de carácter predominantemente contextualizador, tópicos de âmbito mais alargado, como: a Declaração de Bolonha e o processo de construção de um “espaço europeu do ensino superior”; as tendências do emprego, em geral, e do emprego de licenciados, em particular, no contexto dos atrasos do tecido produtivo nacional e das comparações internacionais, antes de mais europeias, quanto aos níveis de formação e qualificação das populações⁸; os saberes, as competências e as profissões no mundo contemporâneo, no quadro dos processos de globalização, de inovação tecnológica, de constituição de uma sociedade da informação e do conhecimento.

Mas, sem esquecer aspectos como estes, podemos pegar na questão a partir de uma perspectiva mais de fundo, ou, talvez melhor, mais focada na constituição do campo da sociologia ele próprio. Tomando então, desta maneira específica, o triângulo ciência-profissão-formação, pode colocar-se a seguinte questão-chave: *será a sociologia, em si mesma, profissionalizável?*

Respostas empíricas

A questão proposta corresponde, efectivamente, a uma problematização estratégica, permitindo recolocar algumas interrogações prementes - ou, pelo menos, correntes - num quadro analítico que, em vez de meros receios, más consciências ou estereótipos apriorísticos, se apoie num mínimo de conceptualização e informação sociológica.

Vejamos, então: será a sociologia profissionalizável? Forçoso é começar por constatar que há quem ache que sim, e há quem ache que não. E há, ainda, quem ache que sim, ou que não, de maneiras diferentes.

⁸ António Firmino da Costa; Rosário Mauritti; Susana da Cruz Martins; Fernando Luís Machado; João Ferreira de Almeida - Classes sociais na Europa. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 34 (2000) 9-46.

Poder-se-ia avançar com uma primeira resposta, de carácter empírico, relativamente simples e segura. A sociologia surge, à observação, como já profissionalizada, em larga medida, na sociedade portuguesa. Só a Associação Portuguesa de Sociologia conta, neste início do século XXI, com cerca de 2 mil membros, praticamente todos profissionalizados, exercendo papéis profissionais variados, em áreas de actividade diversas. Os levantamentos estatísticos feitos por ocasião dos Congressos Portugueses de Sociologia mostram o mesmo.

O importante artigo sobre o tema publicado há alguns anos por Fernando Luís Machado⁹, ou os livros editados pela APS sobre experiências e papéis profissionais de sociólogos¹⁰ e sobre a sociologia no ensino secundário¹¹ convergem nesta apreciação, ilustram-na e analisam-na.

Os inquéritos do Odes - Sistema de Observação de Percursos de Inserção de Diplomados do Ensino Superior, realizados no início dos anos 2000, assim como os inquéritos de avaliação das licenciaturas de sociologia realizados por algumas instituições universitárias públicas junto dos seus antigos alunos, revelam igualmente que, na sua grande maioria, os licenciados em sociologia estão empregados, têm encontrado trabalho relativamente depressa (em bastantes casos antes de acabarem a licenciatura, em muito outros até seis meses após a conclusão do curso) e exercem actividades qualificadas. Também há excepções, claro, e conjunturas preocupantes, como, aliás, nas outras áreas de formação e profissionalização. Mas a maior parte dos licenciados em sociologia enquadra-se naquela caracterização geral.

Um conjunto muito alargado de pequenas monografias, já atrás

⁹ Fernando Luís Machado - Profissionalização dos sociólogos em Portugal: contextos, recomposições e implicações. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 20 (1996) 43-103.

¹⁰ Isabel Valente; Fernando Luís Machado; António Firmino da Costa, orgs. - *Experiências e papéis profissionais de sociólogos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 1995 [1990]; Helena Carreiras; Fátima Freitas; Isabel Valente - *Profissão sociólogo*. Oeiras: APS e Celta Editora, 1999.

¹¹ Associação Portuguesa de Sociologia - *A Sociologia no ensino secundário*. Oeiras: APS e Celta Editora, 1999.

referidas, realizadas ao longo dos últimos anos pelos estudantes da disciplina de "Práticas profissionais em sociologia", das licenciaturas em Sociologia e em Sociologia e Planeamento do ISCTE, vão claramente no mesmo sentido.

Um dos contextos de actividade mais frequentemente encontrados e analisados por essas monografias é o das câmaras municipais, hoje em dia com número crescente de sociólogos em áreas como as de animação cultural, intervenção social, projectos de luta contra a pobreza, projectos de desenvolvimento local, planeamento urbanístico, reabilitação urbana, protecção civil, ambiente, educação, desporto ou, ainda, gestão dos recursos humanos das autarquias. Para não falar daqueles responsáveis políticos autárquicos, presidentes de câmara e vereadores, que também são sociólogos.

Outras áreas de actividade e contextos de profissionalização dos sociólogos incluem ministérios (nomeadamente os respectivos gabinetes de estudos, mas não só), serviços públicos centrais (como o INE, o IEFP e outros), laboratórios do Estado (como o LNEC e outros), gabinetes de estudos e projectos, empresas de sondagens, agências de publicidade, meios de comunicação social, empresas de consultoria e formação profissional, associações, sindicatos, IPSS, ONGs, empresas de serviços financeiros, empresas industriais, escolas do ensino secundário, institutos politécnicos, universidades, centros de investigação.

Em alguns destes contextos de actividade, a profissionalização dos sociólogos tem-se revelado razoavelmente dinâmica (por exemplo, nas autarquias, como se referiu); noutros está bastante estagnada (a ilustração mais evidente talvez seja o ensino secundário).

Em certos casos a profissionalização é precoce, começando com

colaborações pontuais diversas e estágios de fim de curso, os quais se prolongam com alguma frequência em inserção profissional plena. Noutros casos é morosa, implicando a passagem por vários empregos precários antes de uma situação profissional mais duradoura. Num terceiro conjunto de casos, já existia uma actividade profissional estável antes da frequência e conclusão da licenciatura em sociologia, podendo esta influir muito ou pouco no trajecto profissional subsequente.

Há situações em que o papel profissional do sociólogo é explicitamente designado como tal, mas, na maior parte delas, o papel profissional desempenhado pelo sociólogo tem uma designação própria, corrente na organização ou área de actividade específica em que é exercido, por exemplo: formador, consultor, animador, técnico de marketing, técnico de recursos humanos, técnico superior da administração pública, director, jornalista, professor, etc.

Por outro lado, observa-se grande diversidade nas práticas profissionais exercidas, na maior ou menor mobilização de competências sociológicas para o desenvolvimento dessas práticas, nas modalidades de cultura profissional de que estes sociólogos são portadores, umas mais próximas da *cultura de associação* entre ciência e profissão, outras da *cultura de dissociação*¹².

Esta diversidade verifica-se, ainda, nas formas de identificação com a sociologia por parte destes profissionais, tendo ela apenas um carácter de *identificação cultural* (remissão para uma "sensibilidade sociológica", considerada pouco, ou só indirectamente, relevante para o conteúdo específico da actividade exercida), ou então, também, de *identificação profissional* (assunção, para além daquela identificação cultural, de uma operatividade profissional directamente ligada à sociologia) - para utilizar

¹² António Firmino da Costa - Cultura profissional dos sociólogos.

o pertinente par conceptual proposto a este respeito por Odile Piriou¹³.

Perante estes factos, e apesar das flutuações conjunturais e das indeterminações quanto ao futuro do emprego de licenciados em Portugal, condições envolventes que afectam os diplomados de todas as áreas, a sociologia parece, pois, ser profissionalizável. É certo que, mesmo entre os sociólogos, há quem não se deixe impressionar pela evidência empírica. Mas não creio que seja essa a posição sociologicamente mais esclarecida.

Relações formação/profissão

Em todo o caso, mesmo dando por assente que a sociologia é profissionalizável, coloca-se ainda uma outra questão: a dos tipos de profissionalização. Que tipos de profissionalização se podem esperar, e preparar, para os sociólogos?

As ilustrações empíricas acima convocadas, por um lado, dão já algumas indicações a este respeito. Por outro lado, num registo de ordem mais teórica, parece razoável considerar que, numa "sociedade de conhecimento" como a que tendencialmente está em vias de constituição, os sociólogos têm um nível de formação que os coloca potencialmente no âmbito dos "analistas simbólicos", mais do que nos "prestadores de serviços interpersonais" ou nos "trabalhadores da produção massificada", para abreviar argumentos recorrendo às conhecidas formulações de Robert Reich¹⁴.

Mas, deste ponto de vista, trata-se apenas de um potencial. Nos factos, tal não depende apenas da formação, mas também, crucialmente, dos modos de transposição da formação para a profissão, ou, em termos mais gerais, *das relações entre formação e profissão* que se construírem

¹³ Odile Piriou - *La sociologie des sociologues. Formation, identité, profession*.

¹⁴ Robert E. Reich - *O trabalho das nações*. Lisboa: Quetzal Editores, 1993 [1991].

no campo da sociologia.

Essas relações, por sua vez, dependem de diversos factores. Uns são factores gerais de contexto, relativos a tendências transversais da sociedade: qualificações crescentes das populações, redes alargadas de interdependências e fluxos, centralidade cada vez maior do conhecimento elaborado e da pericialidade profissional na actividade económica e na organização social, rapidez dos processos de produção científica, inovação tecnológica e mudança organizacional, entre outros.

Para além destes, contam-se dois factores específicos, particularmente importantes: a) *os modelos de formação* em sociologia (cursos, programas, professores, actividades de ensino/aprendizagem); b) *as estratégias de profissionalização* dos sociólogos - desenvolvidas quer a nível individual, por cada um, na sua trajectória escolar e profissional, quer a nível do grupo profissional organizado. A este nível colectivo, tais estratégias têm sido desenvolvidas em Portugal, principalmente, de forma mais abrangente, no âmbito da APS - Associação Portuguesa de Sociologia, e de forma complementar, para um segmento específico, no da APSIOT - Associação dos Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho.

Ora, continuando a sintetizar argumentos, há, nas sociedades contemporâneas, e a respeito das qualificações de nível superior, duas modalidades ideal-típicas fundamentais de relações formação/profissão. Uma é a das *relações formação/profissão unívocas*, em que a um curso corresponde basicamente uma profissão, ou uma área de actividade relativamente precisa e bem delimitada. Outra é a das *relações formação/profissão multívocas*, nas quais a formação tem, regra geral, uma articulação menos nítida com um (pré)determinado sector de profissionalização

ou um (pré)determinado papel profissional, mas, em contrapartida, possibilita o desenvolvimento de estratégias de profissionalização dirigidas a uma pluralidade, mais ou menos alargada, de actividades profissionais qualificadas.

A primeira modalidade, a das relações formação/profissão unívocas, tem, como ilustrações emblemáticas, áreas como a medicina ou a arquitectura, a cuja formação correspondem papéis profissionais bastante pré-definidos e bem delimitados, em termos de conteúdo e contexto de actividade. Há também outros casos, de características consideravelmente diferentes, como, por exemplo, a história ou a matemática, em que a esmagadora maioria dos licenciados se destina - ou pelo menos se destinava, até há pouco tempo - a uma única profissão, a de professores, sobretudo do ensino básico e secundário, para além de uma pequena minoria de professores do ensino superior. Contudo, o carácter unívoco da relação formação/profissão nestas áreas não é absoluto nem estático, mas apenas tradicionalmente maioritário, e, aliás, apresenta sinais de se estar a tornar cada vez menos acentuado.

A segunda modalidade, a das relações formação/profissão multívocas, abrange um leque crescentemente alargado de áreas, desde algumas de profissionalização consolidada, como a engenharia ou a economia, passando por outras de profissionalização mais recente, como a psicologia ou a gestão, até outras, ainda, de profissionalização emergente, como a biologia e a própria sociologia. Em qualquer delas se encontram diplomados que exercem papéis profissionais bastante diversificados. Nas áreas com efectivos mais numerosos, como a engenharia ou a gestão, essa capacidade de profissionalização alargada é particularmente notória; mas, nas restantes, também se verifica já em grau importante.

Essa profissionalização diversificada faz-se, tipicamente, com mobilização, em combinatórias de peso variável, de saberes e competências de vários géneros: a) saberes e competências *de base*, isto é, directamente provenientes dos programas de formação curricular iniciais; b) saberes e competências *contextuais*, decorrentes da experiência profissional adquirida nos contextos concretos de exercício da actividade; c) saberes e competências *complementares*, obtidos em cursos de formação, cada vez mais de nível pós-graduado, no prolongamento directo da formação inicial ou em domínios por vezes bastante diferentes. Quanto a este último ponto, aliás, se os sociólogos têm vindo a adquirir formações complementares com alguma frequência, a sociologia, pelo seu lado, é, hoje em dia, já bastante procurada como área de formação complementar por profissionais oriundos de outros domínios de formação inicial.

A experiência profissional e a formação complementar não são exclusivas, claro está, das áreas de relação formação/profissão multívoca. Também para os profissionais das áreas de relação formação/profissão unívoca elas têm a mesma importância, se não maior. O que tende a diferenciar a modalidade genérica de relações formação/profissão multívocas, em que a sociologia se insere, é, em termos ideal-típicos, que, à maior diversidade potencial, e menor definição prévia, de âmbitos de profissionalização e de papéis profissionais, tende a corresponder uma diversidade também maior de combinatórias de saberes e competências de base, contextuais e complementares, sendo igualmente mais variáveis os pesos respectivos dessas fontes da capacidade profissional.

Nesta perspectiva de procurar elucidação comparativa do campo científico-profissional da sociologia, importa acrescentar um ponto analítico de carácter intrinsecamente diacrónico, relativo ao sentido principal

dos processos de profissionalização - isto é, dos processos sociais de constituição progressiva de domínios de actividade e grupos profissionais específicos de elevada qualificação¹⁵.

Voltando a utilizar um registo conceptual de carácter ideal-típico, pode observar-se que o sentido principal dos processos de profissionalização tem seguido, consoante as áreas, duas sequências principais. Algumas áreas começam por constituir-se, antes de mais, em torno de um domínio de práticas profissionais específicas de elevada pericialidade, tendendo depois, gradualmente, a reforçar os fundamentos científicos, variados, dessas práticas profissionais. Outras, pelo contrário, começam por estruturar-se fundamentalmente como áreas de base do conhecimento científico, e só mais tarde, segundo processos de profissionalização com ritmos e intensidades variáveis, geram práticas profissionais de carácter mais técnico e interventivo, em múltiplos domínios de actividade e no desempenho de papéis profissionais diversificados. Podemos chamar aos primeiros *processos de profissionalização convergentes* (confluência de saberes de várias áreas científicas e técnicas num perfil profissional) e, aos segundos, *processos de profissionalização divergentes* (partindo de uma área científica, abertura para um leque alargado de papéis profissionais).

Claro que nenhum caso concreto corresponde em estado puro a qualquer destes dois percursos-tipo. Mas é fácil reconhecer que as engenharias ou a gestão, por exemplo, se aproximam mais do primeiro. E que a biologia ou a geografia, a economia ou a psicologia, se aproximam mais do segundo, constituindo a sociologia também um exemplo deste tipo, se bem que com as suas características particulares (como acontece com qualquer dos outros), as quais não é possível examinar aqui

¹⁵ Everett C. Hughes - *Le regard sociologique. Essais choisis* (org. Jean-Michel Chapoulie). Paris: Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996; Keith M. Macdonald - *The sociology of the professions*. London: Sage Publications, 1995; Maria de Lurdes Rodrigues - *Sociologia das profissões*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

com pormenor.

Pode acrescentar-se, no entanto, que o actual processo de profissionalização da sociologia assenta, essencialmente, no encontro de duas ordens de factores: a) no plano externo (contexto social), o aumento da procura potencial de acção profissional dos sociólogos, procura essa associada à complexidade e reflexividade sociais contemporâneas - fórmula com que se remete, em termos muito gerais e abstractos, para uma multiplicidade de processos bem conhecidos dos sociólogos e, em parte, já referidos atrás; b) no plano interno (campo sociológico), o crescimento da oferta potencial, associada à expansão do número de diplomados em sociologia, o qual desde há muito ultrapassou exponencialmente o volume e o âmbito do segmento profissional específico do ensino e da investigação universitários.

Ciência e profissão: perfis sociológicos

Refira-se ainda que, na sociologia, como é característico do respectivo percurso-tipo, o universo científico e as práticas de investigação tendem a permanecer, se não como actividade de muitos, pelo menos como referência forte de quase todos. Contudo, essa referência manifesta-se de forma ambígua, assumindo vários sentidos diferentes.

Umas vezes concretiza-se em vector poderoso de operatividade profissional, pela convocação de um repertório amplo de instrumentos de base científica, seleccionados e mobilizados de maneira criteriosamente e criativamente ajustada aos problemas, contextos e objectivos em causa, conduzindo a resultados de acção profissional efectivos, inovadores e de qualidade. É uma modalidade característica dos profissionais que se po-

dem classificar como de *perfil sociológico integrador* (integração produtiva da formação científica e da prática profissional). Encontra-se quer em investigadores-professores universitários, quer em sociólogos que desempenham diversas outras actividades profissionais.

Outras vezes, porém, também em sociólogos exercendo actividades profissionais variadas, a referência à dimensão científica da sociologia traduz-se basicamente numa aplicação ritualística de técnicas de investigação empírica, accionadas de forma rotineira, adoptadas aprioristicamente como se fossem chave universal e resposta suficiente perante qualquer questão ou situação - o que se revela, em geral, de utilidade limitada para terceiros e pouco gratificante para os próprios. O problema não está na utilização dessas técnicas, sendo ela até uma via de pericialidade importante em variadas situações, mas nesse modo ritualístico da sua aplicação. Por um motivo ou outro, um número considerável de situações profissionais inscreve-se nesta modalidade, designável como de *perfil sociológico rotinizado*.

Outras vezes, ainda, a matriz científica da formação de base apresenta-se como uma referência "em negativo", algo a que se renuncia, ou que se rejeita, pelo menos no emprego, por não se encontrar maneira de transpor eficazmente os instrumentos e os produtos cognitivos da sociologia para a acção profissional. Acaba-se, assim, por exercer esta última com recurso apenas a saberes práticos adquiridos em contexto profissional ou a fragmentos de saberes de outras disciplinas, isto é, sem nenhum valor acrescentado por parte da sociologia. Não será descabido atribuir a esta modalidade a designação de *perfil sociológico desistente* (desistência da sociologia, do que nela poderia ser tomado como base de competências específicas, a accionar em conjugação com outras, no de-

sempenho dos papéis profissionais).

Resta acrescentar que alguns professores de sociologia e investigadores universitários (creio que cada vez menos) não consideram que a sociologia seja profissionalizável fora do contexto institucional específico em que eles próprios se inscrevem. Em simultâneo, tendem a não ver a actividade que desenvolvem como propriamente uma profissão, mas como uma espécie de “estado de graça epistemológico”, só ele permitindo “fazer verdadeiramente sociologia”. Tal como a modalidade anterior, esta organiza-se igualmente em torno de uma rejeição, mas aqui não da dimensão científica da sociologia, mas da sua dimensão profissional. Não custa ver que se trata de uma concepção débil, que não resiste a um mínimo de análise sociológica, sendo os seus portadores, afinal, também eles, profissionais, nuns casos profissionais de docência, noutros casos profissionais de investigação científica, noutros ainda ambas as coisas. Sem desenvolvermos mais, aqui, a análise desta modalidade¹⁶, podemos em todo o caso registá-la, de acordo com uma terminologia corrente, como *perfil sociológico academicista*.

Competências sociológicas

Tudo o que se disse atrás quanto à profissionalização dos sociólogos e às suas modalidades tem, como é evidente, repercussões decisivas no ensino/aprendizagem da sociologia, designadamente a três níveis: a) na organização curricular; b) nos conteúdos dos programas; c) nos processos de formação.

Este último aspecto, o dos *processos de formação*, não é menos importante que os outros, até porque remete, de maneira muito especial,

¹⁶ António Firmino da Costa - Cultura profissional dos sociólogos.

para a aquisição, treino e desenvolvimento de *competências sociológicas*.

Importa retomar brevemente aqui a distinção entre *conhecimentos*, *competências* e *práticas*¹⁷. Avançando já para a área concreta que nos ocupa, as competências sociológicas constituem instância mediadora crucial, entre, de um lado, os conhecimentos enquanto “produtos” (de trabalho sociológico prévio) e “conteúdos” (de programas de formação em sociologia) e, do outro lado, as práticas sociológicas, designadamente enquanto “acção profissional” (tanto dos profissionais da investigação e do ensino em sociologia como dos sociólogos que desempenham outros papéis profissionais) (Figura 2).

Conhecimentos	Competências	Práticas
Produtos/conteúdos	Capacidades de accionamento eficaz de conhecimentos/conteúdos gerais em contextos/ situações particulares	Acção profissional

Figura 2:

Conhecimentos, competências, práticas

Nos processos de profissionalização em sociologia, uma dificuldade recorrente tem a ver, precisamente, com as competências. Não basta ter conhecimentos discursivos acerca da sociologia para ser capaz de transportar eficazmente esses conhecimentos para a prática sociológica, nomeadamente para a esfera profissional.

Seja qual for o papel profissional desempenhado, uma questão decisiva é, pois: como usar os conhecimentos sociológicos gerais em cada um dos variados contextos de utilização particulares?

A questão coloca-se, muito em especial, relativamente aos conhecimentos teóricos dotados de elevado grau de síntese conceptual e

¹⁷ António Firmino da Costa - Competências para a sociedade educativa: questões teóricas e resultados de investigação. In AAVV - *Cruzamento de saberes, aprendizagens sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 179-194.

aos conhecimentos metodológicos portadores de grande transversalidade processual, dadas as potencialidades cognitivas e profissionais generalizadas que comportam. Na verdade, eles constituem as ferramentas mais poderosas de que os sociólogos podem dispor para as suas práticas profissionais. Mas, na condição de conseguirem mobilizá-los de maneira apropriada, em situação. O que remete, de novo, para as competências.

Sublinhe-se, aliás, que, nesta perspectiva das competências, *as práticas de investigação sociológica e as outras práticas profissionais em sociologia aproximam-se bastante entre si* - muito mais, em todo o caso, do que alguns gostam de reconhecer. Tanto umas como outras requerem essa mediação fundamental pelas competências, essa capacidade de selecção e accionamento de recursos cognitivos e operatórios, de forma tão ajustada quanto possível aos contextos específicos, e tão eficaz quanto possível perante os problemas colocados, sejam eles de ordem mais analítica ou mais interventiva.

Em termos gerais, as competências sociológicas podem desdobrar-se em *competências teóricas, competências metodológicas, competências relacionais e competências operatórias* (Figura 3).

O valor social especificamente acrescentado pelas práticas profissionais dos sociólogos, mesmo quando desempenham papéis profissionais que podem ser também preenchidos por colegas com outras formações de base (que é, como se viu, o caso mais comum na profissionalização dos sociólogos e, aliás, se afirma como tendência forte do emprego contemporâneo em geral), assenta no accionamento de *competências específicas* - a par de outras, partilhadas.

Competências teóricas	Capacidade de selecção, aplicação e produção de teorias e conceitos de forma adequada aos objectos e problemas em causa, em especial a capacidade de mobilização produtiva dos quadros teórico-conceituais elaborados de modo nuclear na área disciplinar da sociologia.
Competências metodológicas	Capacidade de utilização e desenvolvimento pertinentes de métodos e técnicas de recolha e análise de informação empírica sobre as relações e processos sociais, designadamente dos métodos e técnicas de carácter quantitativo e qualitativo mais cultivados nesta área.
Competências relacionais	Capacidade pericial para agir nas interações sociais envolvidas nos objectos de trabalho sociológico, não apenas de maneira corrente como qualquer actor social o faz, mas de maneira informada pelos conhecimentos sociológicos acumulados a este respeito.
Competências operatórias	Capacidade de seleccionar, accionar e construir um conjunto diversificado de procedimentos de acção técnica, estratégica, organizacional ou comunicacional, desenvolvidos ou reelaborados pelos sociólogos em múltiplos domínios.

Figura 3:
Competências sociológicas

De maneira esquemática, esse valor acrescentado específico tende a ser elevado nas práticas dos sociólogos de perfil integrador, reduzido nas dos sociólogos de perfil rotineiro, e nulo nas dos sociólogos de perfil desistente. Não é que não possa haver, nestes últimos, excelentes profissionais. Mas, nos seus desempenhos, não acrescentam nada de sociologicamente específico, privando assim as actividades em que se envolvem de contributos que, em princípio, profissionais com outras formações de base não poderão dar. Quanto aos de perfil academicista, podem muito bem acrescentar valor sociológico nas suas actividades de docência ou de investigação, mas não se envolvem na potenciação recíproca da relação ciência-profissão, ao contrário dos professores-investigadores universitários de perfil integrador.

Competências e formação em sociologia

Para além da caracterização sumária acima esboçada, não cabe aqui aprofundar o exame substantivo das competências sociológicas, dos seus graus de centralidade, transversalidade e especificidade, das articulações entre elas, dos seus contextos preferenciais de aquisição e utilização, etc., embora estes sejam temas da maior importância.

Gostaria apenas, a concluir, de salientar que a questão das competências sociológicas não só é crucial nos processos de profissionalização dos sociólogos em geral, como tem relevância específica para os processos de ensino/aprendizagem da sociologia.

Uma formação em sociologia exclusivamente centrada nos conhecimentos teóricos e metodológicos não dá o devido lugar aos processos próprios da passagem à prática, antes favorece uma captação de conteúdos limitada, realizada só a nível discursivo. Pelo seu lado, uma formação em sociologia preenchida apenas por catálogos de práticas aplicadas - de carácter localizado, fragmentário, imediatista, não transponível - fica, com as mudanças de inserção profissional de cada um e as mudanças no contexto social envolvente, extremamente vulnerável à obsolescência rápida, tornando-se também, em geral, bastante superficial e circunscrita, e, por isso, pouco interessante e pouco útil.

Não basta adquirir conhecimentos para, sem mais, de maneira directa e automática, se ganharem competências. Estas, para além dos conhecimentos, em si mesmos, supõem a capacidade de, perante cada nova situação que se apresente e cada novo problema a enfrentar, seleccionar os conhecimentos a mobilizar, de entre o leque de possibilidades acumuladas e disponíveis, e de os accionar de maneira especificamente

adequada ao caso concreto.

Ora esta capacidade só tem uma maneira de se adquirir e desenvolver: é através do respectivo treino concreto e exercício continuado, em situação, e, tanto quanto possível, com acompanhamento e orientação de colegas mais experientes nestes processos. Assim sendo, não se pode esperar que as competências sociológicas se obtenham somente, e se estruturem completamente, na formação inicial. Os estágios e as formações pós-graduadas ou complementares concorrem de maneira relevante para as desenvolver, para já não falar do carácter insubstituível, a este respeito, da experiência profissional ela própria.

No entanto, do que ficou dito, decorre também que essa formação inicial só ganha em não descurar as competências. É provavelmente decisivo, assim, na actual fase do processo de profissionalização da sociologia, reforçar, logo desde o nível das licenciaturas, um conjunto de processos de aprendizagem vocacionados explicitamente para a aquisição efectiva e consistente de competências sociológicas.

De tudo o que fica dito não custa concluir que tais processos de aprendizagem não podem deixar de ter em conta o accionamento das competências sociológicas tanto na prática profissional de investigação como no campo muito mais alargado das práticas profissionais dos sociólogos. Importa, pois, conhecê-las melhor, estudá-las e desenvolvê-las, e dar-lhes um lugar efectivo no ensino da sociologia.